

PPGART
editora

ALFREDO EM PROCESSO;
NICOLAIEWSKY EM QUARENTENA

PPGART
editora

ALFREDO NICOLAIEWSKY
ORGANIZAÇÃO

ALFREDO EM PROCESSO;
NICOLAIEWSKY EM QUARENTENA

TEXTOS

BLANCA BRITES
EDUARDO VERAS
ICLÉIA CATTANI
JOANA BOSAK
KÁTIA POZZER
MARILICE CORONA
MARIZE MALTA
NARA AMÉLIA
PAULA RAMOS
PAULO GOMES
TADEU CHIARELLI

SANTA MARIA
2020

PPGART
editora

© de Alfredo Nicolaiewsky

1ª edição: 2020

Organização: Alfredo Nicolaiewsky

Revisão de texto: Luana Nicolaiewsky

Fotografia: Alfredo Nicolaiewsky

Design gráfico: Sandro Ka

A892 Alfredo em processo; Nicolaiewsky em quarentena [recurso eletrônico] / Alfredo Nicolaiewsky, organização ; textos Blanca Brites, Eduardo Veras, Icléia Cattani, Joana Bosak, Kátia Pozzer, Marilice Corona, Marize Malta, Nara Amélia, Paula Ramos, Paulo Gomes, Tadeu Chiarelli ; [revisão de texto: Luana Nicolaiewsky ; design gráfico: Sandro Ka]. – 1. ed – Santa Maria, RS : Ed. PPGART, 2020.
1 e-book: il.

ISBN 978-65-88403-05-1

1. Pintura – Nicolaiewsky, Alfredo 2. Nicolaiewsky, Alfredo – Pintura 3. Diálogos – Isolamento social – Covid-19 I. Nicolaiewsky, Alfredo II. Brites, Blanca Luz II. Veras, Eduardo Ferreira IV. Cattani, Icléia Maria Borsa V. Figueiredo, Joana Bosak de VI. Pozzer, Kátia Maria Paim VII. Corona, Marilice Villeroy VIII. Malta, Marize IX. Silva, Nara Amélia Melo da X. Ramos, Paula Viviane XI. Gomes, Paulo César Ribeiro XII. Chiarelli, Tadeu XIII. Nicolaiewsky, Luana XIV. Ka, Sandro
CDU 75NICOLAIWSKY

869.0(81)-83

Ficha catalogáfica elaborada por Alenir Goularte CRB-10/990
Biblioteca Central - UFSM

Todos os direitos desta edição estão reservados à Editora PPGART.

Av. Roraima 1000. Centro de Artes e Letras, sala 1324. Bairro Camobi. Santa Maria/RS - Telefones: 3220-9484 e 3220-8427
E-mail: editorappgart@ufsm.br e seceditorappgart@gmail.com
<http://coral.ufsm.br/editorappgart/>

Os inutensílios indispensáveis de Alfredo

Joana Bosak

De Saint-Exupèry a Paulo Leminsky, as coisas inúteis ocuparam um bom espaço no tempo de quem se permite imaginar e deixa o pensamento apenas ir. Para quê? Por quê? Isso serve? A quem? A inutilidade dos dias sem sentido precisa de ocupação.

Cenas da vida privada, neste tempo de recolhimento e múltiplas dimensões do passar os dias e horas são tudo o que temos. O que chega a quem está privilegiadamente no conforto de sua casa com comida e internet torna-se matéria da existência.

O olhar do artista, já sensível pelo treino e pela técnica, é aguçado pela permanência no mesmo lugar, na fluência de uma vida prosaica, rodeada por apenas objetos cotidianos, desafiando a necessidade do extraordinário. Do ordinário nosso de cada dia extrai-se a matéria brilhante de que deverão ser feitos novos sonhos.

O apartamento que divide a coleção de livros e de arte com toalhas de mesa de plástico *kitsch* reflete uma tomada de posição que prima pelo ecletismo e pela abertura do olho. Com seus azulejos coloridos na cozinha e flores sempre à mesa, Alfredo foi recolher nas caixas que encontrou, ou que chegaram portando o mundo que vinha de fora, o suporte para manifestar seu universo condensado, saturado de agoras, já diriam Benjamin e Saramago.

Pérolas aos poucos foram ofertadas a um grupo de amigos, que, entre emojis, receitas e gatos ocupando teclados de computador, recebiam, diariamente, a evolução de um processo de reinvenção da arte, agora totalmente doméstica. Alfredo fazia caracóis de massa folhada enquanto desenrolava arabescos nas embalagens descartadas pela máquina de produzir coisas e restos em que vivemos.

Da utilidade perdida do guardar o que já foi entregue, as caixas abertas à mão segura do pintor foram nos brindando, diariamente, com cores vibrantes, grafismos, releituras de si e conversas com outras obras, outros textos, outros tempos. Uma história em revista, quando menos provável.

E entre os ladrilhos pelotenses da área de serviço de minha mãe e os desenhos livres e infantis de minha filha menor, fui vendo, no trabalho em processo de Alfredo, um esforço permanente no afã de continuar aqui, em meio

ao caos. O artista significando cada momento vivido quando nada mais parece ter sentido.

Juntos, ouvimos as releituras de *Cais* e *Não existe amor em SP*, com Amaro Freitas, Criolo e Milton Nascimento. Os espaços e os respiros permitidos aos músicos nos fizeram refletir sobre os tempos de cada um. Amaro criou espaços para Criolo colocar sua poesia em meio à plenitude da voz atemporal de Milton. Como Alfredo, que emprestou seu tempo seguro e bem vivido aos materiais descartáveis, já inúteis.

Filmes de Godard e doces "diet" permearam essa busca do tempo, que reencontrado na suspensão de todo o processo que vivemos, já que não dava para se perder mais.

A chegada de colegas graúdos deixou a conversa mais séria e fiquei acompanhando de longe, sempre maravilhada pela invenção de quem já fez tanto com aparentemente tão pouco. E foi aí que me dei conta de que tão pouco não existe quando o artista trabalha.

Se a maravilha é a impossibilidade de desviar o olhar, como faz ver Le Goff, Alfredo manteve o nosso atento e ansioso, sempre à espera de novas postagens, com sua mão trabalhando, firme e precisa.

O registro de pequenos filmes com olhar amoroso, nos apresentava um artista com o indefectível cigarro entre os dedos — tal como

Chanel, que dividia o pito com as agulhas, linhas e moldes, nos contando uma história percebida assim por Roland Barthes — e o comentário sobre a paleta, muitas vezes escolhida com o grupo, o que dava uma dimensão de responsabilidade e de coautoria. *Work in progress*. O Coletivo Alfredo em processo.

Nosso tempo suspenso como professores finda. Daremos aulas através de um ecrã. Alfredo pausa o pincel e apre(e)nde a plataforma, uma outra tela.

Seus inutensílios povoaram os dias e foram combustível para seguir avidamente até aqui, crendo na potência da arte que arde em casa e em cada, e do fundamental que uma vez mais ela tem em nossa vida. Inútil. Indispensável. Infinda.